

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM MOÇAMBIQUE: Um Recado de Titio Habib

Estimados compatriotas, sou Habib, humildemente moçambicano, nasci na vila de Montepuez, na província de Cabo Delegado. Tenho 65 anos de idade, sou licenciado em Organização e Gestão da Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. Escrevo esta pequena carta para vos contar a minha experiência enquanto estudante da Educação a distância.

Antes de ingressar no Ensino Superior, fui comerciante de castanha de caju, no distrito de Ribawé, na província de Nampula. A minha vida diária baseava-se no plantio de cajueiros, venda de material escolar a retalho, como também no cultivo de algumas hortaliças para vender e sustentar a minha família, sobretudo os meus estimados seis filhos. Nunca pensei que um dia voltasse a estudar, porque na nossa vila não havia Instituições do Ensino Superior. Lembro-me, na altura, nos finais da década 90, quando frequentava a 9ª classe, de um grupo de amigos que sempre dizia que em Montepuez nós estávamos condenados, por não existir o Ensino Superior, e que em alguns anos a 11ª Classe não seria suficiente para singrarmos na vida. Outros até chegavam a afirmar que sair de Montepuez para Maputo para continuar os estudos era impossível, devido às condições financeiras de que grande parte das famílias não dispunha; como também diziam que o distrito de Montepuez estava esquecido e, pensar na educação superior constituía uma incerteza. Como é possível notar, vivíamos num clima de desespero, pelo facto de no distrito não existir Instituições de Ensino Superior que atendessem aos alunos que terminassem a 12ª classe.

Num belo dia, pela manhã de domingo, na cidade de Nampula, houve uma feira sobre a gastronomia montepuezana. Estiveram presentes vários comerciantes, como também gente estrangeira. Foi a minha primeira participação no evento, uma vez que nunca havia me deslocado àquela cidade maravilhosa. Posso dizer que foi uma das viagens mais fascinantes, porque tive a oportunidade de conhecer os hábitos e costumes da gente da cidade, sobretudo as muralhas antigas da ilha de Moçambique e alguns tecidos oriundos do continente asiático trazidos pelos árabes - as ditas capulanas. E no final do dia, por volta das quatro horas da tarde, enquanto dava uma passeata pela feira, encontrei-me com um amigo de infância que não via há sensivelmente 30 anos, o saudoso amigo Leonardo. O aperto de mão e os abraços fizeram recordar-me da época em que percorríamos longas distâncias para apanhar lenha; para cozer alguns frutos, e fazer muitas outras coisas interessantes da juventude. Foi mais um momento inesquecível, porque o meu amigo, com quem subia as montanhas de Montepuez, já havia concluído a licenciatura e trabalhava numa empresa do ramo industrial. Contou-me da sua vida, sobretudo académica. Formou-se em Psicologia Organizacional em Portugal. Procurei saber como ele tinha conseguido continuar os estudos em Portugal, vivendo na cidade de Quelimane. Disse-me que estudou a distância. Perguntei-lhe sobre o que significava estudar a distância. O amigo falou-me de um monte de coisas tecnológicas que não fazia parte do meu mundo e, como se não bastasse, aconselhou-me a inscrever-me num curso a distância. Na hora, achei a conversa banal, porque estudar a distância nunca me passara pela cabeça, visto que não sabia como aquilo funcionava. De seguida, despedimo-nos, com a esperança de um dia voltarmos a nos encontrar.

Tendo regressado à casa, a primeira coisa que fiz foi pensar nas palavras do meu amigo Leonardo. Ao mesmo tempo, acreditava que seria possível melhorar a renda familiar se elevasse o meu nível de informação sobre as questões académicas. Pensava na minha idade... Já com 65 anos, não acreditava ser possível vencer as fronteiras do novo. Mas no fundo do túnel havia uma voz de esperança que me puxava para o lugar certo. Digo isso, porque sempre que o meu negócio não dava certo, pensava logo na busca de novas práticas. Sabia que conhecimentos dessa área só poderiam ser oferecidos pela escola ou pelo centro de capacitação a nível do distrito. Foi daí que decidi me matricular num centro de informática para aprender a usar o computador. Eu era o aluno mais velho da sala e com um pouco de resistência, uma vez que achava bizarra minha iniciativa, principalmente, pela idade que tinha.

[...] Depois de três meses de formação em informática, descobri um novo mundo repleto de esperança, porque notei que mudei. Sentia-me mais seguro para lidar com as Tecnologias de Informação e Comunicação, visto que o telefone celular que passei a usar dava-me oportunidades para melhorar o meu nível de conhecimentos sobre algumas ferramentas digitais. Alcançada esta conquista, de imediato, procurei informar-me sobre quais seriam as actividades que eu poderia desenvolver, caso tivesse noções básicas sobre utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação. Alguns jovens-professores do distrito que leccionavam nas escolas primárias e secundárias enumeraram uma série de aspectos, sendo um deles aquele que meu amigo de infância, o saudoso amigo Colete, já me havia abordado - frequentar o Ensino a Distância. Na verdade, esta resposta veio desfazer a minha ignorância em relação a esta modalidade de ensino. Em conversa com o meu amigo, em nenhum momento

admiti que iria me envolver em “confusões” tecnológicas, porque se tratava de conceitos novos e achava ser muito difícil compreender a sua dinâmica. Também acreditava ser impossível aprender a usar a plataforma de ensino, sobretudo o computador. A partir daí, reconheci e, continuamente, acreditei que na vida é possível vencer as barreiras, visto que aprendemos todos os dias, em qualquer ambiente social e em qualquer idade.

Chegando a época das inscrições na UEM, e tendo refletido bastante sobre que cursos frequentar, resolvi, inscrever-me para o curso de Licenciatura em Organização e Gestão da Educação. Mas antes de tomar essa decisão, alguns vizinhos do bairro riram de mim, alegando que estudar a distância não era viável. Outros até diziam que eu iria gastar muito dinheiro com a “fantoçada”, porque não teria tempo suficiente para atender às exigências do curso. Mas, felizmente, esse posicionamento eu já havia assumido antes, e muito cedo percebi que os meus amigos não estavam informados sobre as potencialidades dessa modalidade de ensino. Apesar disso, a única coisa que me vinha à cabeça era procurar investir nos meus estudos, visto que no distrito já havia internet banda larga e também possuía um computador. Além disso, duas razões me motivavam a continuar os estudos. Por um lado, a educação dos meus filhos, uma vez que todos se encontravam a frequentar o ensino geral, e, por outro, minha certeza de que ao frequentar esse curso eu teria condições suficientes para acompanhá-los em seus estudos, assim como servir-lhes de exemplo.

Tendo ingressando no curso de licenciatura a distância, uma das coisas que mais me marcou foi a organização dessa modalidade de educação. A modalidade exige que o estudante seja organizado, sobretudo responsável pelas actividades que

desenvolve. E mais ainda, ao longo do curso, notei que estava a desenvolver habilidades de escrita, uma experiência fascinante. Havia momentos em que me sentia na sala presencial. Interagir com os professores e colegas por Skype, ou mesmo pela plataforma de ensino fazia-me sentir presente na sala de aula. Era uma maravilha! Havia colegas de vários cantos do país. Ríamos dos nossos erros, porque tudo ficava gravado na plataforma. Assim, o estudante tinha oportunidade de ver tudo que havia escrito, tão logo acessasse novamente a plataforma em qualquer momento do dia.

Lembro-me de uma sexta feira, enquanto eu fazia cópias de material para fazer um trabalho do curso e um vizinho questionou-me: “A que horas estudas?” - uma vez que ele estava sempre comigo no mercado a vender castanhas. Simplesmente respondi-lhe: “Estudo em todo lugar, desde o momento em que haja internet. Aqui no mercado tenho usado modem para estudar.” O meu amigo não acreditou, e sempre que respondesse às questões ligadas à Educação a distância punha-se a rir, em tom de gozo, não acreditando no poderio que esta modalidade de educação oferece. Este tipo de comportamento era frequente no bairro, infelizmente. Viam-me como se fosse um parvo perdido nas trevas.

[...] Volvidos cinco anos de estudos recebi o meu diploma que me conferia o grau de licenciado em Organização e Gestão da Educação. No bairro, este título ainda constituía novidade para alguns. Ninguém acreditava que um dia eu me tornaria licenciado; outros por estarem sempre comigo nas barracas e no mercado não sabiam que frequentava o Ensino Superior. Foi a partir daí que tomei a iniciativa de organizar um convívio com alguns professores para comemorar o título. Alguns amigos se apercebendo do convívio não acreditaram. Chegaram a se questionar:

“Como é que Sr. Habib conseguiu estudar? Em que momento estudava, se estávamos sempre juntos?” De todo lado choviam perguntas dessa natureza, mas a verdade é que já havia terminado os meus estudos. E como forma de dissipar as dúvidas, resolvi conversar com amigos do bairro no sentido de motivá-los a aderirem essa modalidade de ensino. Foi daí que expliquei o que era ensino a distância, qual era a sua importância para as nossas vidas. Enfim... fiz entender a eles que essa modalidade de ensino deve ser considerada como mais uma opção viável para todos, e não apenas como uma alternativa para aqueles que não conseguem entrar no sistema presencial. De seguida recomendei-lhes que, caso não tivessem possibilidades de frequentar o Ensino Superior nos grandes centros urbanos, frequentassem, então, um curso a distância.

Por isso, caro compatriota, querido irmão e irmã, estimado tio e tia: se não acredita na Educação a Distância, procure se informar melhor. Recomendo a todos vocês a seguirem esse exemplo, pois, atualmente, com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação estudar a distância não pode constituir novidade. Temos que acreditar que é possível e tudo depende de nós. Temos que ter vontade e atitude nas nossas vidas. Educação a distância é uma modalidade que veio para ficar. Não se assustem; todos somos capazes de aprender, independentemente da idade. Espero um dia contar com a vossa presença nessa modalidade de ensino.

Abraços a todos, desejo-vos uma vida repleta de Paz, Liberdade, Amor e Justiça.

“[...] o que faz andar a estrada é o sonho. É o sonho que deve nos mover como seres humanos” (Mia Couto in Terra Sonâmbula, 1992).

Por Aires Mombassa, junho de 2018.